



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO –
CAMPUS I CURSO DE LICENCIATURA DE PEDAGOGIA**

KARINE FONTES DOS SANTOS

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS PARA AS CRIANÇAS COM O
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA AMA**

SALVADOR

2025

KARINE FONTES DOS SANTOS

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS PARA AS CRIANÇAS COM O
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA AMA**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, apresentado ao Colegiado do curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação (DEDC), Campus I da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, como Pré-requisito parcial para aprovação, sob a orientação da Prof^a Dr^a Patrícia Carla da Hora Correia.

SALVADOR

2025

DEDICATÓRIA

Eu dedico esse trabalho ao meu Amado, por ter me escolhido todos os dias e ter me direcionado a esse curso. Não entendia no começo a questão de ser esse curso, mas, hoje faz total sentido. Hoje concluo esta monografia e o meu desejo é que este trabalho possa contribuir nas práticas pedagógicas com as crianças do espectro autista ao redor do mundo.

AGRADECIMENTOS

Esse é o momento em que choro. Por isso, foi o mais difícil e fácil de se escrever. Primeiramente, agradeço a Deus pelo dom da vida e pelo dom do conhecimento, por me guiar até a faculdade de pedagogia. Eu acredito que existe um propósito nisso tudo. Agradeço também aos meus pais, Helena e Sebastião por me formar em uma mulher que valoriza o estudo e corre atrás dos sonhos. E também por me amar e me sustentar, sei que não é fácil ter filho, é bastante caro. Amo vocês!

A minha orientadora, Dr. Patrícia da Hora, por me acalmar e me conduzir nesse processo de escrita. Foi fundamental para que concluísse com êxito e excelência. A Rita Brasil por me proporcionar conversas onde obtive o relato de experiência, obrigada pelo sua gentileza e prestatividade comigo. Ao meu avô Hélio, por ser meu exemplo de estudo. Sempre estudando em escolas públicas e se formou na UFBA, onde acredito que na época dele era se difícil de entrar. Meu orgulho! Ao meu irmão, Matheus e a minha cunhada Beatriz por sempre estar cobrando que eu passasse em todas as matérias da faculdade com boas notas. Obrigada pela cobrança e incentivo!

A minha família e aos meus amigos que sempre me chamam para sair, desestressar e me abraçar quando mais preciso. Obrigada pelo cuidado e carinho comigo sempre. Aos meus amigos de faculdade por estar nesse mesmo processo de escrita e me ajudar a não surtar nesse processo de seis longos anos na universidade, com pandemia, greves e muito estudo envolvido. Ao meu namorado, Breno, por estar sempre no meu incentivo na escrita e pela paciência na construção deste trabalho. A Dona Nadja e a Tayane por ter paciência em ler esse trabalho e me dar feedbacks. E ao meu professor, Sérgio, traduzir do português para o inglês o meu resumo.

E o último, mas, não menos importante, ao meu Billy Fontes, esse eu não consigo não chorar. O meu escudeiro fiel e amável onde passei muitos momentos em que estava sempre ao meu lado, escrevendo as coisas para a faculdade e você

estava lá. Obrigada por me fazer sentir amada e por me mostrar o amor na maneira mais pura. Perder você um mês antes da minha defesa, foi uma ocasião onde tive que retirar forças de onde não tive e continuar a escrever sem você aqui. Eu sempre te amarei!

“Graças ao trabalho e à fibra de Maria Montessori, superamos seus desejos e hoje queremos mais: que as crianças com deficiência sejam incluídas em todos os ambientes, junto com as outras crianças, e com a atenção e as estratégias didáticas e pedagógicas necessárias para seu desenvolvimento.”

(Lar Montessori)

SANTOS, Karine Fontes Dos. Práticas Pedagógicas Inclusivas Para As Crianças Com O Transtorno Do Espectro Autista Na AMA. Orientadora: Patrícia Carla da Hora Correia. 2025. 35f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2025.

RESUMO

O presente trabalho aborda as práticas pedagógicas utilizadas por professores na educação de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A pesquisa partiu do seguinte problema: **como são organizadas as práticas pedagógicas para a atuação com crianças do espectro autista da AMA e de que forma essas práticas contribuem para o seu desenvolvimento?** O TEA é caracterizado por déficits em diferentes aspectos do desenvolvimento humano, manifestando-se, em geral, nos primeiros anos de vida. Assim, este estudo teve como objetivo compreender como são estruturadas as práticas pedagógicas destinadas às crianças com TEA, tanto no ambiente escolar quanto no contexto familiar, considerando que um planejamento adequado é essencial para favorecer o processo de ensino-aprendizagem e o desenvolvimento integral desses estudantes. A metodologia adotada foi de abordagem qualitativa, por meio de relato autobiográfico, complementado por pesquisa bibliográfica e entrevista com a diretora do AMA (Associação de Amigos do Autista). A partir dessa investigação, observou-se que os métodos de trabalho variam significativamente, sendo imprescindível considerar que cada indivíduo é único e possui necessidades específicas. Essa constatação reforça a importância de práticas pedagógicas flexíveis e sensíveis à singularidade de cada criança, visando promover uma educação inclusiva e significativa.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Transtorno do Espectro Autista; Práticas Pedagógicas; Ensino-Aprendizagem.

ABSTRACT

This paper addresses the pedagogical practices used by teachers in the education of students with Autism Spectrum Disorder (ASD). The research was guided by the following question: **how are pedagogical practices organized for working with children on the autism spectrum, and how do these practices contribute to their development?** ASD is characterized by deficits in different aspects of human development, generally manifesting in the early years of life. Thus, this study aimed to understand how pedagogical practices intended for children with ASD are structured, both in the school environment and in the family context, considering that proper planning is essential to support the teaching-learning process and the overall development of these students. The methodology adopted was qualitative in nature, using an autobiographical account, complemented by bibliographic research and an interview with the director of AMA (Association of Friends of the Autistic). From this investigation, it was observed that the teaching methods vary significantly, and it is essential to consider that each individual is unique and has specific needs. This finding reinforces the importance of flexible pedagogical practices that are sensitive to each child's uniqueness, aiming to promote inclusive and meaningful education.

Keywords: Inclusive Education; Autism Spectrum Disorder; Pedagogical Practices; Teaching and Learning.

LISTA DE ABREVIATURAS

LDB – Leis de Diretrizes e Bases

TEA – Transtorno do Espectro Autista

TEACH - Tratamento de Educação da Pessoa Autista com Déficit Correlato na Área de Comunicação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. CAMINHOS DA INCLUSÃO: A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA E O ATENDIMENTO A ESTUDANTES COM TEA	4
3. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (CARACTERÍSTICAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS).....	8
4. CAMINHO METODOLÓGICO	13
4.1 Abordagem qualitativa e tipo de pesquisa descritiva de relato de experiência	13
4.2 Breve relato autobiográfico sobre conversas com a presidente da AMA Bahia	14
4.2.1 Práticas pedagógicas inclusivas com pessoas com TEA: relatando uma experiência	15
4.2.2 Práticas pedagógicas e abordagens metodológicas adotadas	16
4.2.3 Fundamentos teóricos que sustentam a prática dos professores na AMA.....	17
Planejamento pedagógico e as especificidades do espectro autista	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS.....	24

1. INTRODUÇÃO

A educação é um processo pelo qual os indivíduos adquirem conhecimentos, valores e desenvolvem habilidades que transcendem os limites da escola, contribuindo para a formação física, intelectual e moral. Esse processo ocorre ao longo da vida e tem como finalidade a formação de cidadãos críticos, autônomos e capazes de atuar de forma ética e responsável na sociedade.

A construção de uma sociedade mais justa e igualitária passa, necessariamente, por uma educação que atenda às necessidades de todos. Nesse contexto, destaca-se a inclusão de pessoas neuro divergentes, cujo funcionamento neurológico se diferencia do considerado típico. A inclusão desses sujeitos no ambiente escolar, embora represente um avanço social e educacional, ainda impõe desafios significativos aos docentes, especialmente no que se refere à adaptação de práticas pedagógicas para promover o desenvolvimento integral dessas crianças.

A partir das experiências vivenciadas durante minha trajetória acadêmica, especialmente no estágio e nas práticas de campo, foi possível observar como as adaptações curriculares fazem uma diferença substancial na aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Estratégias como a utilização de avaliações coloridas, sem divisão de páginas, além do respeito às singularidades de cada estudante, revelam-se fundamentais para o desenvolvimento dessas crianças.

Minha inquietação em compreender como ocorre esse processo surgiu ainda nos primeiros semestres do curso de Pedagogia, quando, juntamente com a colega Elisama Cerqueira, desenvolvemos um artigo intitulado “**Educação de sujeitos em contexto de inclusão: dilemas para o acompanhamento pedagógico do TEA**”. Nesse trabalho, realizamos observações e pesquisas bibliográficas que nos proporcionaram uma melhor compreensão sobre o universo do autismo.

Diante desse percurso formativo, a questão norteadora deste estudo é: **Como são organizadas as práticas pedagógicas para a atuação com crianças do espectro autista da AMA?** Para respondê-la, serão realizadas pesquisas bibliográficas e entrevistas que permitirão compreender como se dá a organização curricular e as estratégias adotadas nesse contexto.

O **objetivo geral** deste trabalho consiste por compreender com as práticas pedagógicas destinadas às crianças com TEA, tanto no ambiente escolar quanto no contexto familiar, considerando que o planejamento adequado é essencial para

favorecer o processo de ensino e aprendizagem, bem como o desenvolvimento dessas crianças a partir da AMA.

Nesse sentido, este estudo assume a compreensão de que o processo educativo contribui diretamente para a formação de sujeitos autônomos, críticos e capazes de atuar de forma independente na sociedade. A educação, enquanto pilar fundamental da transformação social, é indispensável nesse processo. Como **Objetivos Específicos** **Identificar os pressupostos teóricos que fundamentam as práticas pedagógicas desenvolvidas para crianças com TEA**, analisando quais autores e referenciais os docentes utilizam para a construção de seus planejamentos; **Descrever as estratégias específicas adotadas pelos professores no atendimento às crianças com TEA**, verificando como é organizado o cotidiano escolar e se há a necessidade de uma rotina específica para esses estudantes; **Analisar como são organizadas as práticas pedagógicas inclusivas voltadas para crianças com TEA**, tanto no ambiente escolar quanto fora dele, observando como essas práticas favorecem sua participação no processo de ensino-aprendizagem.

Para que o planejamento pedagógico seja efetivo, é necessário que esteja alinhado aos princípios legais, especialmente à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), que assegura o direito à educação para todos. De acordo com Silva (ano), o planejamento pedagógico busca articular recursos, conteúdos e metodologias, além de prever um processo avaliativo contínuo, reflexivo e colaborativo, garantindo que as ações sejam intencionais e alinhadas às necessidades dos estudantes. O planejamento, portanto, deve estar fundamentado nas pessoas e nos princípios da educação inclusiva, assegurando que os estudantes com TEA tenham acesso às mesmas oportunidades educacionais, com as adaptações necessárias às suas especificidades.

De acordo com Oliveira (2020, v. 20, n. 34), o autismo é caracterizado como um transtorno neurológico que surge na infância e impacta significativamente o desenvolvimento, especialmente nas áreas de aprendizagem, comunicação e interação social. Embora sua origem não esteja claramente definida, o autismo pode gerar dificuldades na socialização, imaginação e desenvolvimento cognitivo. Nesse contexto, cabe à escola, em parceria com a família, compreender as necessidades específicas de cada criança e elaborar estratégias que favoreçam sua inclusão e desenvolvimento.

A metodologia terá sustentação de abordagem qualitativa e pesquisa descritiva a partir do relato da professora da AMA. Será descrito os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, bem como as reflexões provenientes da análise dos dados.

A inclusão de crianças com TEA na escola regular é um desafio constante, que demanda do professor não apenas conhecimentos específicos, mas também sensibilidade, empatia e a capacidade de flexibilizar o currículo. Essa flexibilização permite a construção de vínculos entre a criança, a escola e a família, fortalecendo o processo educativo.

Estudos recentes (Oliveira, 2020; Santos, 2024) destacam a importância do planejamento pedagógico, bem como da participação ativa da família no processo de escolarização de crianças com TEA. O ambiente escolar deve estar preparado para promover o desenvolvimento da autonomia desses estudantes, considerando suas especificidades e necessidades. Assim, a elaboração de planejamentos individualizados, bem como a organização de ambientes acessíveis e acolhedores, são fundamentais para garantir uma educação de qualidade. Esta pesquisa, fundamentada em revisão bibliográfica, relato de experiência de uma professora que trabalha com autistas, uma entrevista e observações que buscam contribuir para a construção de conhecimentos que possam subsidiar práticas pedagógicas inclusivas e eficazes.

Em síntese, este trabalho tem como propósito compreender com as práticas pedagógicas destinadas às crianças com TEA, tanto no ambiente escolar quanto no contexto familiar, considerando que o planejamento adequado é essencial para favorecer o processo de ensino e aprendizagem, bem como o desenvolvimento dessas crianças a partir da AMA. Este Trabalho de Conclusão de Curso está organizado da seguinte forma. Introdução: Apresenta a problemática, os objetivos e a metodologia descritiva, qualitativa e bibliográfica; capítulo 2 – A Educação Inclusiva: Aborda a inclusão, os marcos legais e a inserção dos sujeitos com TEA no contexto escolar e as Práticas Pedagógicas para atuação com crianças autistas; capítulo 3 – Metodologia: Descreve os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, bem como as reflexões provenientes da análise dos dados. Seguido das considerações finais que apresenta as contribuições do estudo e possíveis encaminhamentos para futuras pesquisas e bibliografia.

2. CAMINHOS DA INCLUSÃO: A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA E O ATENDIMENTO A ESTUDANTES COM TEA

Ao longo da história, é possível observar como a educação passou por diversas transformações. Um dos ramos que sofreu significativas modificações foi a educação inclusiva. Nota-se, infelizmente, que, tanto no passado quanto presentemente, a chamada educação inclusiva, em muitos contextos, se apresenta como uma prática de “inclusão sem inclusão”, uma vez que muitas vezes se limita a inserir a criança no ambiente escolar sem garantir as adaptações necessárias para seu pleno desenvolvimento.

Segundo Mantoan (2006), a educação inclusiva precisa ser constantemente reavaliada e compreendida como um elemento essencial para o desenvolvimento do conhecimento de crianças neurodivergentes, exigindo mudanças estruturais, pedagógicas e atitudinais no ambiente escolar.

No Brasil, a implementação da educação inclusiva ocorreu de forma mais tardia em relação a outros países e, ainda hoje, enfrenta inúmeros desafios tanto, na prática docente quanto nas políticas públicas, dificultando que a inclusão aconteça de forma efetiva. Diversos fatores contribuíram para esse atraso, especialmente no que se refere ao atendimento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Até o surgimento de políticas públicas voltadas para a saúde mental de crianças e adolescentes, no início do século XXI, as famílias encontravam suporte quase exclusivamente em instituições filantrópicas, como a Associação Pestalozzi e a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), além de organizações não governamentais fundadas, em muitos casos, por próprios familiares de pessoas autistas (Oliveira; Feldman; Couto; Lima, 2019).

De acordo com Mantoan (2006), a educação inclusiva pressupõe uma mudança de paradigma, pois não se restringe apenas aos estudantes com deficiência ou com dificuldades de aprendizagem, mas estende-se a todos os alunos, visando uma educação de qualidade, democrática e para todos, sem exceções.

Conforme exposto, é possível perceber que os desafios enfrentados pela educação inclusiva no Brasil, segundo a autora, estão diretamente relacionados à evasão e ao fracasso escolar. Esses fatores são, muitas vezes, consequência de privações constantes, exclusão social e escolar e, conseqüentemente, da baixa autoestima dos sujeitos envolvidos. No entanto, Mantoan defende que a solução para

esse cenário está no fortalecimento de práticas pedagógicas inclusivas, no desenvolvimento de uma cultura escolar que valorize as diferenças e na superação de modelos excludentes que ainda persistem no sistema educacional.

A inclusão total e irrestrita é uma oportunidade que temos para reverter a situação da maioria de nossas escolas, as quais atribuem aos alunos as deficiências que são do próprio ensino ministrado por elas — sempre se avalia o que o aluno aprendeu, o que ele não sabe, mas raramente se analisa “o que” e “como” a escola ensina, de modo que os alunos não sejam penalizados pela repetência, evasão, discriminação, exclusão, enfim.’ — (MANTOAN. pág. 18, 2003.)

Para a efetivação da inclusão escolar, torna-se necessário analisar se as propostas das políticas educacionais realmente consideram e valorizam as diferenças presentes no ambiente escolar, contemplando tanto os alunos com deficiência quanto os demais. O respeito às singularidades é um elemento fundamental tanto para a construção de um planejamento pedagógico de abordagem montessoriana quanto para a promoção da inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Nesse contexto, as práticas educativas devem priorizar o convívio com as diferenças, compreendendo a aprendizagem como um processo que se constrói ao longo da trajetória pedagógica. Desse modo, valoriza-se a subjetividade do discente, ainda que o processo formativo aconteça de maneira coletiva no ambiente da sala de aula. Como afirma Mantoan (2003, p. 20):

Por tudo isso, a inclusão é produto de uma educação plural, democrática e transgressora. Ela provoca uma crise escolar, ou melhor, uma crise de identidade institucional, que, por sua vez, abala a identidade dos professores e faz com que seja ressignificada a identidade do aluno. O aluno da escola inclusiva é outro sujeito, que não tem uma identidade fixada em modelos ideais, permanentes, essenciais.[...] O direito à diferença nas escolas desconstrói, portanto, o sistema atual de significação escolar excludente, normativo, elitista, com suas medidas e seus mecanismos de produção da identidade da diferença.

Essa reflexão evidencia que a inclusão demanda, além de adequações físicas e curriculares, uma profunda transformação na cultura escolar, desconstruindo modelos padronizados e excludentes, e abrindo espaço para uma educação que respeite, acolha e valorize as diferenças como elemento constitutivo do processo de ensino e aprendizagem.

Ao reconhecer as diferentes culturas, as variadas manifestações culturais e sociais, construímos uma nova ética escolar, observando as diferenças no ambiente em sala de aula. Infelizmente, não temos o hábito de valorizar as nossas construções pedagógicas e a falta de reestruturação dos planejamentos pedagógicos, retornando a uma educação bancária, sem muitas modificações. As barreiras escolares que enfrentamos muitas vezes estão ligadas a neutralização de todos os desequilíbrios, retornando a velha forma de ensinar.

A inclusão também se legitima, porque a escola, para muitos alunos, é o único espaço de acesso aos conhecimentos. É o lugar que vai proporcionar lhes condições de se desenvolverem e de se tornarem cidadãos, alguém com uma identidade sociocultural que lhes conferirá oportunidades de ser e de viver dignamente. Incluir é necessário, primordialmente para melhorar as condições da escola, de modo que nela se possam formar gerações mais preparadas para viver a vida na sua plenitude, livremente, sem preconceitos, sem barreiras. Pág. 30, 2003.

Segundo a LDB, a educação inclusiva se faz presente para todo indivíduo, garantindo educação de qualidade. Ao analisar a Lei Berenice Piana, simultaneamente, torna-se garantida em consenso com a Lei no 9.394/1996, Art. 13.

Os docentes incumbir-se-ão de:

II - Elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; estando em conformidade com o planejamento pedagógico.

Outra lei que garante a educação para crianças do espectro autista, na lei 12.764, Art. 3º , que estabelece como direitos da pessoa com transtorno do espectro autista:

IV - o acesso:

a) à educação e ao ensino profissionalizante;

Sendo assim, vemos que é direito para qualquer criança atípica o acesso à educação de qualidade e garantir um planejamento apropriado para a devida demanda que a criança possua. Conforme a LDB, a criança deve ser matriculada em uma escola e receber o atendimento especializado educacional que seja algo

especializado para as necessidades específicas educativas especiais da criança. A cada ano, é observado que a demanda de matrícula tem se aumentado e o atendimento especializado de profissionais preparados para atuar com os estudantes autistas.

O currículo escolar para atender as necessidades de um aluno autista é preciso acreditar em possibilidades educativas e desenvolver práticas pedagógicas que sejam criadas e recriadas para adaptação do processo de aprendizagem. Se faz necessário recordar que as crianças são diferentes umas das outras, sendo assim, o que pode dar certo com uma, pode não dar certo com a outra criança. A experiência educativa no espaço escolar é de fundamental importância, pois, estabelece relações que potencializam a sua aprendizagem, contribui no processo de inclusão de uma criança no ensino comum e a construção de uma prática pedagógica que promova o seu desenvolvimento.

Na perspectiva de Vygotsky (1997), ele comenta que historicamente a sociedade já determina os normais/anormais, limitando as posições que controlam as experiências e lugares ocupados pelos indivíduos, excluindo o sujeito da escola regular e atribui a ele a sua deficiência como um fator limitante. Todavia, é necessário observar como são feitas as práticas e como o outro se relaciona com o autista, na busca de práticas sociais inovadoras que auxiliem no tratamento e educação dessas crianças.

Nos parágrafos supracitados, a escola continua desempenhando o seu papel como espaço socializador e busca estratégias que cumpram com a função tanto de ensinar com o compromisso e direito ético e político, tendo como consideração a história do aluno, respeitando seus limites e a cultura. Por fim, é indescritível entender que a educação inclusiva precisa ser observada, avaliada e analisada com um planejamento específico, tendo como intuito em uma educação agregadora e respeitosa no ambiente de sala de aula. É um desafio, mas, não impossível. Neste sentido e a criança autista?

3. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CARACTERÍSTICAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

A inclusão da criança se faz necessário no ambiente escolar. Consoante a seção anterior, a lei assegura a estadia dessas crianças e em ligação com a lei, a LDB. Possui o poder público, que assegura as crianças com algum tipo de deficiência a viver com condições de igualdade na comunidade em que vivem. Sendo assim, incluídas no sistema educacional de qualidade, gratuito e obrigatório e se necessário ter um acompanhamento individualizado para tanto o desenvolvimento acadêmico e social, como adequações a segundo a necessidade de cada um.

Historicamente, nem todas as pessoas com deficiência tiveram acesso ao ensino, mesmo depois da legislação ter sido feita para a inclusão. A criança com TEA, muitas vezes desassistida, não obteve esse desenvolvimento. De acordo com estudos feitos até o momento, os autistas não têm uma definição única.

Todavia, existe uma heterogeneidade de comportamentos e atitudes entre as pessoas com o autismo.

Para Vygotsky (1997), nos primeiros anos de vida, as crianças apresentam algumas deficiências que as diferem das demais, assim, ocupando uma determinada posição social e as relações com o mundo ocorre de forma diferente em comparação com as crianças sem deficiência. Infelizmente, as crianças com deficiências são vistas por aquilo que não possuem ou não conseguem fazer, e não pelo seu real potencial.

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma condição de saúde caracterizada por déficits na comunicação, interação social e comportamento que se apresenta nos primeiros anos de vida. O autismo pode se manifestar de diversas formas, incluindo a ausência ou pouco contato visual, a incapacidade em desenvolver relacionamentos interpessoais e o alinhamento obsessivo de objetos por cor, tamanho ou categoria.

No que tange à comunicação, é comum observar atraso no desenvolvimento da linguagem verbal e não verbal, com a criança não apontando, não respondendo a sorrisos e apresentando fala monótona e pouca expressividade. O uso reverso de pronomes e a tendência à repetição da fala alheia (ecolalia) também são características.

O autismo pode se manifestar por restrição e repetição de comportamentos,

movimentos estereotipados e uma insistência obsessiva na manutenção da "mesmice", com rotinas rígidas e um padrão restrito de interesses peculiares. Além disso, pode haver desinteresse ou isolamento, e a criança pode não brincar de forma convencional, utilizando a imaginação e a fantasia, possuem também boa memória mecânica e aparência normal. Em acréscimo às características, existem os níveis, sendo eles:

Nível 1 - Conhecido como "autismo leve", este é o mais brando e é caracterizado por dificuldades na interação social e comunicação, bem como comportamentos repetitivos e interesses restritos. As pessoas com TEA no nível 1 podem ter dificuldade em iniciar ou manter conversas, interpretar expressões faciais e entender as nuances da linguagem. Porém, por se apresentarem de forma mais suave, normalmente essas dificuldades não são limitantes para a interação social. Eles também podem apresentar comportamentos repetitivos, como balançar as mãos ou o corpo, e ter interesses intensos e restritos, como colecionar objetos específicos ou se concentrar em um tópico específico. Apesar disso, pessoas com TEA no nível 1 geralmente têm habilidades de linguagem e comunicação relativamente intactas e podem se adaptar bem a mudanças na rotina. Características comuns incluem: dificuldade em começar ou manter as conversas; respostas sociais consideradas incomuns ou inadequadas; resistência moderada a mudanças na rotina. Com o acompanhamento adequado de terapias para o desenvolvimento social e comunicação, esses indivíduos podem se adaptar bem a muitas situações do cotidiano.

Nível 2- Este segundo nível do TEA é considerado moderado e se caracteriza por dificuldades significativas na comunicação e interação social. Pessoas neste nível podem enfrentar maiores desafios para iniciar ou manter conversas, interpretar expressões faciais e compreender nuances da linguagem. Assim como no nível anterior, podem apresentar comportamentos repetitivos e ter interesses intensos e restritos. Indivíduos com TEA no nível 2 podem apresentar também dificuldades para se adaptar a mudanças na rotina e podem necessitar de apoio extra para lidar com situações sociais mais complexas. Geralmente, apresentam: maior dependência de uma rotina estruturada para funcionar adequadamente; dificuldade evidente em interagir socialmente, mesmo com incentivo; comportamentos restritivos e repetitivos que interferem na rotina.

Nível 3 - Este nível é o mais grave, sendo também conhecido como severo. Além de apresentarem as características já descritas nos níveis 1 e 2, este também é

caracterizado por dificuldades significativas de comportamentos repetitivos. Normalmente, possuem uma deficiência mais severa nas habilidades de comunicação, tanto verbal quanto não verbal, e, conseqüentemente, dependem de maior apoio para se comunicar. Isso pode resultar em dificuldades nas interações sociais e uma redução na cognição. Ademais, eles tendem a apresentar um perfil comportamental inflexível e podem ter dificuldades em se adaptar a mudanças, o que pode levá-los a se isolar socialmente se não forem incentivados. Entre os desafios encontrados podemos observar: incapacidade de lidar com mudanças, mesmo pequenas; comportamentos repetitivos severos que podem causar lesões; dificuldade extrema em se comunicar, muitas vezes dependendo de formas não verbais.

A sua constituição como um sujeito autista, antes de tudo, que é uma pessoa que sente medo, tristeza, alegria e somente com a presença da atuação do outro como qualquer outra criança para encontrar o seu lugar na sociedade, que está longe de ser inclusiva. A educação tem um papel fundamental da construção como criança, como estudante. Contudo, além de discutir as causas do autismo, é necessário avançar nas possibilidades de ações educadoras que favoreçam o desenvolvimento da mesma.

Entretanto, no cotidiano escolar, é notável que esse direito necessita se materializar pela ação pedagógica do ambiente escolar. Todavia, somente o acesso à educação inclusiva não é suficiente, é preciso organizar a permanência do aluno no espaço escolar com uma qualidade de ensino.

(Bridi,2006, p. 63 apud Santos, 2016, p. 35), “[...] incluir o aluno autista no ensino regular suscita uma série de adaptações e recursos para viabilizar o processo, devendo ser realizado de forma criteriosa e bem orientada,variando de acordo com as possibilidades do sujeito.”

Essas mudanças no ambiente pedagógico para a sua permanência, se fizeram reais a partir de questionamentos. Para ocorrer a escolarização dos alunos com TEA deve ser realizada mediante experiências de aprendizagem e descobertas feitas entre a interação de aluno e professor e aluno com aluno. Ao observar isso em sala, o professor tem a capacidade de reavaliar as atividades propostas em sala de aula. Assim, desenvolvendo o processo pedagógico da criança com a mediação pedagógica.

(Monteiro,1998, p. 76 apud Santos, 2016, p. 34) “Na educação especial, o importante é conhecer como o aluno se desenvolve, ou seja, o significativo

não é a deficiência em si mesma, não o que falta, mas, como ele se apresenta seu processo de desenvolvimento; como ele interage com o mundo; como organiza seus sistemas de comparações; as trocas; as mediações que auxiliam na sua aprendizagem; a participação ou exclusão da vida social; a internalização dos papéis vividos; as concepções que se têm sobre si mesmo; a sua história de vida.”

O planejamento pedagógico precisa estar organizado com atividades em que a criança participa do processo, relacionando inclusive com a teoria crítica e pós-crítica, pois, coloca o estudante como autor do processo e o professor como apenas um auxiliador do conhecimento. Sendo assim, para Montessori o ambiente necessitava de uma adaptação tanto para ao alcance das crianças e como atividades que despertem o interesse da criança e auxiliando no seu desenvolvimento integral.

O planejamento busca convergência dos recursos e conteúdos selecionados, além do acompanhamento do processo através de uma avaliação continuada. O ato de planejar é uma atividade intencional, onde buscamos determinar fins. Ele torna presentes explícitos os nossos valores, crenças, como vemos o homem, o que pensamos da educação, do mundo, da sociedade. Por isso é um ato político – ideológico. –
(Montessori, p.552, 2019)

A partir disso, da observação que se dará o planejamento, como uma análise individual, adaptando assim para a educação inclusiva. Nesse aspecto, é interessante ter como pauta, pesquisar sobre a educação inclusiva.

De acordo com Leal (2020), algumas das estratégias para o desenvolvimento da educação, como um caminho ao aprendizado, para um planejamento de atividades específicas, são: organizar a sala em círculo, grupos ou duplas com o intuito de observar o comportamento de todos os alunos, inclusive os com deficiência; utilizar vocabulário que faça parte da realidade dos alunos para garantir a acessibilidade da linguagem; criar um vínculo com a criança, olhando nos olhos, transmitindo confiança e demonstrando afetividade; perceber e observar as habilidades e dificuldades dos alunos, identificando seus potenciais; e tornar a aula mais dinâmica com jogos interativos como Kahoot, Duolingo, bingo ou até mesmo a construção de jogos em sala de aula relacionados à matéria específica.

As adaptações no ambiente escolar são muito importantes, estantes aos alcances das crianças, salas claras e bem organizadas, a participação do estudante na construção do planejamento, observando a necessidade individual de cada

criança, experimentação do ambiente: sala de aula, entre outros. Por fim, tendo em vista o estudante, ao contrário da educação tradicionalista, que o professor é detentor do saber. E nesse sentido a metodologia deste trabalho de conclusão de curso -TCC busca relatar o percurso para discussão sobre práticas inclusivas com crianças autistas.

4. CAMINHO METODOLÓGICO

4.1 Abordagem qualitativa e tipo de pesquisa descritiva de relato de experiência

O presente trabalho se insere em uma pesquisa básica, pois, segundo Appolinário tem a intenção de construir um avanço do conhecimento científico, sem se preocupar com a aplicação imediata dos resultados. (2011, p. 146). Portanto, como já descrito na justificativa, tem o objetivo de agregar conhecimento, produzindo um novo conteúdo, sendo respondido ou não.

Aliado a isso, é uma pesquisa qualitativa, abordando um aprofundamento do conhecimento, analisando o conteúdo, o contexto do objeto pesquisado. Rodrigues e Limena (2006, p. 90) definem a abordagem qualitativa como: por meio da abordagem qualitativa, o pesquisador tenta descrever a complexidade de uma determinada hipótese, analisar a interação entre as variáveis e ainda interpretar os dados, fatos e teorias. Através desse desenvolvimento, sendo ele um processo, em que há interação e a interpretação dos dados, analisando todo o decorrer.

Segundo Appolinário (2011), os dados da pesquisa qualitativa são coletados nas interações sociais e analisados subjetivamente pelo pesquisador, pois nesta modalidade a preocupação é com o fenômeno. Em conjunto com as pesquisas, o instrumento utilizado será um questionário, para que ao desenvolver do caminhar, possibilitando ser assertivo nas respostas. Segundo Gil (p.42, 2002):

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

A pesquisa descritiva:

“A pesquisa descritiva tem por objetivo descrever as características do objeto que está sendo estudado e proporcionar uma nova visão sobre essa realidade já existente.” – DEL- MASSO, 2014

Além disso, utilizamos da pesquisa bibliográfica também, onde Gil também cita um pouco sobre esse assunto. Conforme Gil, (pág.45, 2002):

“A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente principalmente de livros e artigos científicos.” – Pág 45

Nesta visão da pesquisa na totalidade que irei buscar a resolução do meu problema para que o objetivo seja realizado. Desse modo, a linha de metodologia se baseia em descrever um relato de experiência que irei seguir conforme o que será desenvolvido nesta monografia. Por fim, não menos importante, a tão esperada defesa.

4.2 Breve relato autobiográfico sobre conversas com a presidente da AMA Bahia

Primeiramente, em minhas vivências em sala de aula, observei ao acompanhar uma criança neurotípica, que as provas eram adaptadas, me questionei se as práticas pedagógicas eram modificadas e através disso eu entrei em contato com uma aluna da professora Patrícia, o nome dela Josemeire, onde obtive o contato direto com a presidente da AMA. Ao entrar em contato com a presidente, foi super gentil e muito prestativa comigo. O nome dela é Rita Valéria Brasil Santos, nascida em Vitória da Conquista. Veio para Salvador com 19 anos para estudar. tualmente possui 62 anos e tem quase 40 anos de formação dentro da área de Educação Especial. Já trabalhou na Sociedade Pestalozzi, inicialmente como estagiária, trabalhei na APAE por 17 anos, e está há 22 anos na AMA, que é um Centro de Atendimento Educacional Especializado.

Durante a conversa, descreveu a sua formação como pedagoga, com especialização em orientação educacional. Fez a sua formação e especialização no método TEACCH, em São Paulo, um trabalho específico com autismo. Buscou essa formação quando descobri o diagnóstico do seu filho, aos 6 anos. Foi um diagnóstico tardio, e na época quase não existia informação ou suporte sobre autismo.

Fez o curso do programa TEACCH por meio de Ulrika, uma sueca que estava na AMA de São Paulo — daí o nome AMA Salvador e AMA Bahia, porque a sua referência inicial foi a AMA de São Paulo, através dos cursos de especialização que fizeram com eles. Possui 40 anos de experiência na área de Educação Especial.

Resolveu trabalhar com o autismo devido o diagnóstico do seu filho, aos 6 anos, o doutor Salomão Schwarzman, um neuropediatra de São Paulo, veio a Salvador. Conseguiu fazer um curso com ele e pediu que avaliasse o seu filho. Ele já havia recebido quatro diagnósticos errados em Salvador.

4.2.1 Práticas pedagógicas inclusivas com pessoas com TEA: relatando uma experiência

Ao longo da conversa com a Rita, ela descreveu que trabalha com crianças, adolescentes e adultos. A faixa etária vai de 2 a 38 anos, que é a idade do autista mais velho que tem atualmente. Já tiveram um que era mais velho, mas ele não está mais com eles. Provavelmente ele deve ter agora entre 40 e 42 anos, mais ou menos.

Inicialmente, tiveram como base o trabalho da AMA de São Paulo, com o Programa TEACCH — Tratamento e Educação da Pessoa Autista e com Déficit Correlato na Área de Comunicação. Todo o trabalho, no início, foi voltado para uma abordagem muito organizada. O aluno, ao chegar na sala, encontrava um ambiente com toda a estrutura montada, com uma metodologia específica e detalhada.

Porém, com o tempo, começaram a perceber que o programa era muito comportamental. Foi então que buscou uma nova abordagem e fez um curso pela PAI, chamado PEI – Programa de Enriquecimento Instrumental, criado por Reuven Feuerstein, um psicólogo israelense que trabalhou no pós-guerra com crianças, adolescentes e adultos com deficiências, inclusive autismo.

Entre os teóricos que usam como referência Piaget, Vygotsky, entre outros, quem mais trabalhou diretamente com autismo foi o professor Feuerstein. Ele desenvolveu dois instrumentos fundamentais para sua proposta: o PEI (Programa de Enriquecimento Instrumental) e o LPAD (Learning Propensity Assessment Device), ambos baseados numa abordagem cognitivista.

A AMA se identifica com essa linha, porque sentiram falta de um trabalho que focasse no desenvolvimento cognitivo da criança. Embora falem muito sobre ABA (Análise do Comportamento Aplicada), e ela admire o trabalho feito por ABA, acredita em algo que permita enxergar o quanto a criança pode evoluir cognitivamente, utilizando recursos pedagógicos que levem a níveis de complexidade e aprendizagem cada vez maiores.

4.2.2 Práticas pedagógicas e abordagens metodológicas adotadas

Na verdade, o trabalho com pessoas autistas envolve muitas práticas pedagógicas diferentes. Além das formações, outras abordagens importantes, como o D4Time¹ Son-Rise², e o TEACCH³. A Rita também teve contato com metodologias como o ABA e o Denver, das quais também fez cursos.

Apesar disso, como já descrito anteriormente, não gosta do enfoque excessivamente comportamental. Reconhece os excelentes resultados do ABA, admira o trabalho feito pelo ABA, mas prefere uma linha cognitivista, que valoriza a potencialidade de aprendizagem do indivíduo, o desenvolvimento do pensamento e a construção de conhecimento por meio de recursos pedagógicos bem estruturados.

Baseamos nossa prática em princípios como "Heal Before Style" — ou seja, cuidar do bem-estar emocional, do vínculo e da individualidade da criança antes de nos preocuparmos com técnicas específicas ou formas de ensino. Todo o trabalho foi sendo construído nessa lógica de respeitar a história individual, o ritmo e as necessidades de cada pessoa.

Essa busca pessoal por metodologias começou quando o seu filho ficou dois anos fora da escola. Foi literalmente convidada a sair de quatro escolas particulares, por falta de preparo para lidar com o comportamento dele. Diante disso, começou a procurar alternativas para trabalhar com ele em casa.

Foi nesse contexto que os recursos pedagógicos se tornaram fundamentais. Eles foram a base para todo o trabalho que desenvolveram desde então — tanto no contexto familiar quanto institucional. A prática pedagógica da AMA é, portanto, uma síntese de experiências, estudos e vivências, sempre com foco na autonomia, dignidade e potencial de desenvolvimento da pessoa com autismo.

1

¹ D4time - O modelo DIR/Floortime é uma estratégia com base no desenvolvimento funcional das crianças e suas diferenças individuais e de relacionamentos. Seu foco está na formação de alicerces sólidos no repertório para as competências intelectuais, emocionais e sociais de um indivíduo.

² Son Rise- O Son-Rise é um programa de intervenção, aplicado majoritariamente no autismo. No entanto, é passível de aplicação em casos de atraso no desenvolvimento onde se observem comportamentos semelhantes

³ TEACCH- O método TEACCH é um programa clínico e educacional criado por meio de um projeto de pesquisa, que observou os comportamentos de crianças autistas em diversas situações do cotidiano. O foco desse modelo está na promoção do aprendizado a partir da valorização das capacidades cognitivas de cada indivíduo.

4.2.3 Fundamentos teóricos que sustentam a prática dos professores na AMA

Cada clínica, instituição ou Centro de Atendimento Educacional Especializado (CAE) escolhe a metodologia com a qual deseja trabalhar. No caso da AMA, como já mencionado, optaram por fundamentar a sua prática na teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural, desenvolvida por Reuven Feuerstein.

Essa abordagem oferece uma base sólida para enxergar o aluno não apenas como alguém a ser condicionado, mas como alguém com potencial de desenvolvimento cognitivo contínuo, desde que sejam oferecidas as mediações pedagógicas adequadas.

Hoje em dia, existem várias práticas e abordagens para o trabalho com autistas — e isso é positivo. Inclusive, que o autismo está em “moda”, não no sentido pejorativo, mas, porque finalmente passou a ser estudado com mais seriedade. As pessoas estão se interessando mais, surgem novas pesquisas, novas práticas e novas conquistas. E isso amplia as possibilidades de intervenção.

A AMA escolheu seguir a linha teórica da Modificabilidade Cognitiva Estrutural justamente por acreditar no potencial de transformação, evolução e crescimento cognitivo dos nossos alunos.

Planejamento pedagógico e as especificidades do espectro autista

O planejamento pedagógico é feito de forma individualizada. Cada criança tem seu próprio Plano de Atendimento Individual (PAI). Os professores desenvolvem suas atividades com base nesse plano, buscando respeitar o ritmo, os interesses e as necessidades específicas de cada aluno.

Esse planejamento é dinâmico e progressivo, ou seja, ele vai sendo ajustado e aprofundado conforme a criança avança. A proposta é trabalhar níveis crescentes de complexidade, sempre visando ao desenvolvimento da autonomia, das habilidades cognitivas, comunicativas, sociais e emocionais.

É fundamental que o plano contemple a singularidade de cada criança, porque, como sabemos, o autismo nunca vem sozinho. Sempre há comorbidades associadas, como:

- Autismo e paralisia cerebral
- Autismo e síndrome genética

- Autismo e TDAH
- Autismo e Transtorno Opositivo Desafiador (TOD)

E muitas vezes, tudo isso junto em um mesmo sujeito.

Portanto, cada aluno é único, e na AMA não existe um autista igual ao outro. Isso exige dos professores uma escuta atenta, formação contínua, e uma capacidade constante de adaptação e mediação.

Ao observar, todas às vezes que acontece qualquer modificação de conduta de uma criança, a AMA sempre tem que estar com o plano A e o plano B. O plano A é o que o professor(a) vai trabalhar naquele dia. O plano B é caso a criança tenha alguma desorganização sensorial, alguma desorganização por falta de sono, algum aborrecimento no transporte que ela teve, às vezes ela chega irritada.

Então, na verdade, a rotina, sim, é modificada. Por exemplo, até a atividade de educação física, um dia é uma segunda, outro dia pode ser na quarta, um dia é na terça, outro dia pode ser na quinta. Tudo vai variando. A diretora Rita não gosta de rotina rígida, porque rotina rígida leva o autista a algumas condutas, quando você não faz aquilo que realmente eles gostariam que acontecesse. Então, eles vão fazendo permuta, fazendo troca. O objetivo maior é exatamente esse.

Ela sempre fazia isso com o seu filho. “Eu ia para um destino, por exemplo, eu morava no Matatu, eu ia sempre por um caminho e depois eu mudava para ir para o Bonocô e assim por diante.”- Fala de Rita Brasil. Então, ela sempre fala com as suas mães também que elas precisam fazer isso no cotidiano, porque se você acostuma ao menino que começa a ir por uma rua e daqui a pouco ele se joga no chão, ele quer ir por aquela mesma rua e a mãe cede essa condição no primeiro momento, vai se tornar muito difícil, mas depois você tira essa rotina dele. Ele vai querer sempre ir. Se ele não for, ele vai ter um estresse, ele vai ter alguma outra situação que pode complicar até na rua, mesmo para a mãe ou para a pessoa que está conduzindo a criança, o pai, o cuidador, a avó, o tio, qualquer pessoa. Dentro da sala de aula também fazem esse mesmo propósito.

Tanto que essa semana mesmo a Rita teve que fazer isso. Uma das falas da Rita foi essa : “A autista não chegou bem, eu tinha programado uma atividade, porque a professora estava com problema de saúde, eu já tinha programado a atividade, mas ela não chegou bem. Aí, o que foi que a gente foi fazer? Eu também aciono as minhas auxiliares de classe, fulana me dê tal material, fulana me dê tal material. Caso eu não tenha, nesse dia eu não estava com o plano B, porque nesse dia estava na dúvida se

quem ia pegar ela era um professor, ou se era comigo mesma. Então, como fui eu mesma, eu não tinha deixado, tinha deixado a estante pronta, mas não tinha feito o plano B.”

Todavia, é uma coisa que Brasil sempre fala com o professor, da importância do plano de trabalho, caso a criança não chegue na condição certa. E modificar sempre para atender a demanda da criança. Se ela não está bem, ou mesmo que ela esteja bem e se quiserem ampliar um pouco mais, podem também modificar. Mas, geralmente, o que mais acontece é diminuir o nível de complexidade das atividades para poder facilitar todo o processo.

Quanto a essa questão, a Rita começou a utilizar o método tradicional para poder ler. Isso foi um pouco antes de saber que o seu filho era autista. Usaram muito o método construtivista, mas não estava dando certo. Foi quando recebeu o conselho da Universidade de Diagnóstico. Quando foi para São Paulo especializar-se e conheceu o método TEACH, que colocou dentro deste processo. T-E-A-C-C-H, TEACH, Tratamento de Educação da Pessoa Autista com Déficit Correlato na Área de Comunicação. Na verdade, isso a incomodou um pouco porque era muito de ter que dar um objeto para ele responder a um questionamento ou responder a uma tarefa. E ela não gostava muito dessa parte.

Então, como já havia recebido pela instituição anterior à qual trabalhou, assim conheceu o Programa de Enriquecimento Instrumental, PEI, também. Hoje trabalha com a teoria cognitivista, que é uma teoria na qual acredita. O que é o cognitivismo? Buscar as funções que estão adormecidas e examinar uma época maior de neurônia quando a criança é pequena. Não, os neurônios são substituídos. Tanto que Heuven coloca que aquilo que a criança tem no início da vida, seja uma, síndrome de Down, seja um autismo, seja uma deficiência intelectual, paralisia cerebral, isso não dá fim à vida do sujeito a partir daquilo que você trabalha ou mete a dor.

As pessoas que vão estar trabalhando, que pode ser mãe, pai, tio, avô, irmão ou profissionais da área da educação, da área da saúde, como no caso saúde, fono, físico, como no caso a parte pedagógica, como pedagogo, psicopedagogo, que a cada dia estarão dedicando-se com um nível de complexidade de atividades que possam ser mais elaboradas. E partir disso vai se modificando aquele sujeito nas ações e nas reações que eles vão tendo mediante as respostas que eles dão.

Então ao ampliar os níveis de complexidade para que cada vez mais a criança possa dar respostas mais assertivas em relação a todo o processo. E por isso o

trabalho, tem que se mudar, criando mais níveis de complexidade, tendo uma infinidade de recursos pedagógicos para trabalhar essas questões, esses níveis de complexidade. Quando o aluno atinge um grau mais elevado, o professor comunica a AMA e pergunta se temos textos que possam estar questionando o estudante para que ele possa responder, a partir disso vão em busca do texto para avançar, mas, se o aluno tem habilidade na parte informática, novamente vão em busca dessa habilidade na parte informática.

Mas com, no caso seu filho, a Rita utilizou o método TEACH, como já dito anteriormente, utilizou a teoria da modificabilidade cognitiva estrutural de Hegel e von Stein, e também o método Honey, que é um método de comunicação, que é muito aplicado nos Estados Unidos, principalmente para bebês. As respostas dadas, elas são trabalhadas de forma positiva, para que tanto o bebê como a criança possam lhe dar um retorno em relação àquilo, e ao entender que aquela resposta é a resposta certa, acaba se realizando a atividade. E a Rita conheceu o Sunrise, de Floortime, mas não chegou a aplicar com o seu filho, somente o TEACH e basicamente também neste instante a teoria da modificabilidade cognitiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na construção deste trabalho — por meio de pesquisas em sites, livros e de uma conversa enriquecedora com a diretora do AMA —, pude não apenas responder à questão central do meu problema de pesquisa, mas também perceber que, junto com essa resposta, surgiram novas perguntas que desejo investigar futuramente.

Refletir sobre as práticas pedagógicas voltadas para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação básica trouxe-me uma perspectiva diferente: compreendi que a educação não pode ser engessada, tampouco seguir uma rotina rígida e imutável. Isso se deve ao fato de que cada criança é um indivíduo único e, como bem destacou a Rita durante nossa conversa, há dias em que a criança pode não estar tão bem, exigindo que todas as atividades planejadas sejam adaptadas para atender à sua necessidade naquele momento.

Minha recomendação aos professores é que busquem estabelecer um relacionamento mais próximo — diria até íntimo — com seus estudantes, de modo que, ao longo desse vínculo, possam observar com atenção os interesses de cada criança. A partir desse olhar mais sensível, é possível ressignificar e flexibilizar as práticas pedagógicas. Foi perceptível, durante esta pesquisa, que essas práticas precisam variar de acordo com as preferências do aluno: se a criança gosta de massinha, por exemplo, é importante que algumas atividades contemplem esse recurso, entre outras possíveis adaptações. Parafraseando Maria Montessori, “a educação deve ser um processo de descoberta, não de imposição”.

Em síntese, acredito que este trabalho me permitiu enxergar de forma mais ampla as especificidades de cada estudante, compreendendo que o processo de ensino-aprendizagem pode — e deve — ser constantemente reformulado para fazer sentido na vida de quem aprende. Os benefícios dessa pesquisa residem justamente na possibilidade de descobrir novas práticas pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento integral da criança e ajudem a enxergar o autismo para além da “caixinha” em que, muitas vezes, é confinado.

Meu desejo é que, no futuro, mais profissionais da área se dediquem a pesquisas e estudos sobre práticas pedagógicas inclusivas para crianças com TEA, aprofundando a compreensão desse tema tão relevante e contribuindo para uma educação cada vez mais acolhedora, respeitosa e transformadora.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Bruna. Níveis do autismo: entenda quais são e a mudança de termo. **ODAPP: Observatorio do Autista**, 2023. Disponível em: <https://observatoriodoautista.com.br/2023/04/28/niveis-do-autismo-entenda/> . Acesso em: 01 de junho de 2025.

APPOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 295p.

BIFANO, Jaqueline. **Você sabe o que são os níveis de suporte no tea? Entenda aqui**. Psiquiatra Jaqueline Bifano, 2025. Disponível em: <https://psiquiatrajaquelinebifano.com.br/niveis-de-suporte-no-tea/> . Acesso em: 04 de junho de 2025.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

BRIDI, F. Educação e autismo: as sutilezas e as possibilidades do processo inclusivo. In: BRASIL. **Experiências educacionais inclusivas: Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade / Organizadora, Berenice Weissheimer Roth. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial**, 2006.

DE OLIVEIRA, Francisco Lindoval. **Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista**. 2020.

DEL-MASSO, Maria Candida. COTTA, Maria Amélia. SANTOS, Maria Aparecida. **Ética em Pesquisa Científica: conceitos e finalidades**. São Paulo:UNESP. 2014. Disponível em:https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155306/1/unesp-nead_reei1_ei_d04_texto2.pdf Acesso em: 07 de julho de 2024

GIL, Antônio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MANTOAN, Maria T. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

MONTEIRO, M.S. **A educação especial na perspectiva de Vygotsky**. In: FREITAS,

M. T. A.

OLIVEIRA, Bruno Diniz Castro de et al. Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial ea reabilitação¹. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 27, n. 03, p. 707-726, 2017.

OLIVEIRA, Leite da Silva, W.O planejamento como instrumento de uma ação educativa no processo de ensino-aprendizagem. **Diversitas Journal**, 4(2), 521–527,2019. Disponível em: <https://doi.org/10.17648/diversitas-journal-v4i2.806> Acesso em: 17 de julho de 2024.

RISSATO, Heloise. **O que é o Dir/Floortime usado no desenvolvimento de crianças com autismo?**. Genial Care, 2022 Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/dir-floortime/>. Acesso em: 30 de junho de 2025.

RISSATO, Heloise. **A importância do método TEACCH para o desenvolvimento da criança com autismo**. Genial Care, 2022. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/metodo-teacch-para-o-desenvolvimento-da-crianca-com-autismo/> . Acesso em: 30 de junho de 2025.

RODRIGUES, Maria Lucia; LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti (Orgs.). **Metodologias multidimensionais em Ciências Humanas**. Brasília: Líber Livros Editora, 2006. 175p.

SANTOS, Emilene Coco dos. **Linguagem Escrita e a Criança com Autismo**.- 1.ed.-, Curitiba: Appris,2016.

SEM AUTOR, **Método Son-Rise**. Neuro Sentidos, 2019. Disponível em: <https://neurosentidos.pt/metodo-son-rise/> . Acesso em: 30 de junho de 2025.

VYGOTSKY, L.S.**Obras escogidas V: fundamentos de defectología**. Madri: Visor,1997.

VYGOTSKY, **L.S. Um século depois**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1998. p.73-84.